



O PSICÓLOGO ESCOLAR E A EJA: CONTRIBUIÇÕES NO CAMPO EDUCACIONAL

Sharlys Jardim da Silva Santos¹

Engracia Manhães Gabriel de Brito Cavalcanti²

RESUMO: Abordaremos neste artigo reflexões a respeito da Psicologia escolar e a EJA, delineando suas possíveis contribuições neste rico campo de conhecimento, o contexto escolar. Através da articulação da Psicologia aos saberes da educação, que o Psicólogo contribuirá com o professores e com os alunos nas intervenções preventivas necessárias. Os questionamentos que abarcam este estudo foram: como o Psicólogo escolar pode contribuir para o desenvolvimento das estratégias pedagógicas da EJA? Quais seriam as estratégias pedagógicas educacionais na EJA que poderiam ser desenvolvidas com a ajuda da Psicologia? Tendo em vista, a estas problemáticas que iremos aprofundar nosso olhar na distinção e associação de ambas as áreas de conhecimento.

Palavras-chave: Psicologia educacional; EJA, Ensino-aprendizagem, Pedagogia, Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente diversificado, por conta da forte influência cultural que nela se apresenta e pelo amplo público que ali se integra e participa. Com toda esta multiplicidade, os professores são sempre convidados a adotarem estratégias diferentes que melhor possam representar a adequação, evolução e desenvolvimento do seu conteúdo curricular proposto ao segmento a ser trabalhado.

A Psicologia escolar em sua proposta central traz amplas possibilidades para este rico campo de conhecimento, por trabalhar de maneira preventiva as disfuncionalidades destacadas pelo corpo pedagógico. É através da articulação da Psicologia aos saberes da educação, que este profissional contribuirá com o professor e com o aluno nas intervenções necessárias.

¹ Psicólogo e Mestrando em Cognição e Linguagem pela Instituição Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Cidade: Campos dos Goytacazes, Estado: Rio de Janeiro.

² Psicóloga e Mestrando em Cognição e Linguagem pela Instituição Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Cidade: Campos dos Goytacazes, Estado: Rio de Janeiro.

A tendência do senso comum é dizer que os professores possuem competências suficientes para abranger todo o processo de desenvolvimento cognitivo do adolescente e do adulto. Desconsiderando a ajuda interdisciplinar pedagógica existente na escola, e, em muitos casos, até recriminam a inserção do Psicólogo neste ambiente, desconhecendo suas demarcadas contribuições e a transformação ocorrida ao longo do tempo na instituição escolar.

Mediante aos tais temas, faz-se necessário abrir espaço aos questionamentos: Como o Psicólogo escolar pode contribuir para o desenvolvimento das estratégias pedagógicas da EJA? Quais seriam as estratégias pedagógicas educacionais na EJA que poderiam ser desenvolvidas com a ajuda da Psicologia?

Neste artigo não pretendemos esgotar com o tema da EJA ou da Psicologia escolar. A nossa intenção aqui é, além, de apresentar um levantamento teórico, oferecer reflexões sobre o trabalho do Psicólogo na escola e principalmente no programa EJA. Por isso dividimos o artigo em duas partes. Na primeira parte é feita uma revisão bibliográfica ampla sobre o surgimento da Psicologia no campo educacional no Brasil. E por último apresentaremos uma discussão teórica das diretrizes que regem o programada EJA com as atribuições do Psicólogo, destacando a prática e a importância deste profissional no campo educacional.

O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA ESCOLAR NO BRASIL

Antes de pensarmos e refletirmos sobre as contribuições da Psicologia Escolar no EJA, dedicaremos este primeiro momento para compreendermos sobre os primeiros movimentos históricos que caracterizam os passos da Psicologia no Brasil. Em muitos países a Psicologia, em tempos antigos, se desenvolveu servindo de inspiração às nossas práticas e conhecimentos que pouco a pouco foram ganhando espaços nos cenários sociais e escolares das escolas brasileiras. (GUZZO, 2010).

Durante o século XIX, Salvador (1999) expõe que a Psicologia começa a ganhar forte autonomia por se distanciar da filosofia e difundindo-se em uma psicologia científica advinda no novo século que passou a adotar um método experimental das ciências físicas e naturais para desligar-se da filosofia e transformar-se em uma disciplina científica autônoma.

Guzzo (2011, p.4) pontua de uma forma mais demarcada quanto ao surgimento da Psicologia Escolar ao afirmar:

A história da psicologia da educação confunde-se, em sua origem, com a história da psicologia científica e com a evolução do pensamento educativo. Até o final do século XIX as relações entre a psicologia e a educação eram mediadas pela filosofia. Explica-se isto porque, por um lado, a psicologia é componente essencial das visões mais ou menos globais de mundo proporcionados pela filosofia; e por outro lado, as propostas educativas embasam seu fundamento nos princípios básicos dos grandes sistemas filosóficos.

A partir da década de 70, séc. XX, chegaram no Brasil sob influência dos Estados Unidos a Teoria da Carência Cultural. Segundo Lima (2005), essa é uma teoria que teve o seu surgimento por meio da necessidade da grande movimentação criada no país pelos movimentos reivindicatórios das minorias raciais. Dizia-se que as crianças de segmentos sociais pobres não possuem o mesmo desenvolvimento cognitivo que as de classe nobre e, portanto, deveriam receber um tipo de aprendizagem diferenciada das demais classes. Por conta dos ambientes em que viviam, estes, desenvolviam as deficiências nutricionais, perceptivo-motoras, cognitivas, emocionais e de linguagem e ainda eram vítimas da desestruturação familiar incapaz de fornecer uma base segura para a vida da criança

Antunes (2014), em seu livro delineia todo o trajeto da Psicologia no Brasil, afirmando que a preocupação com os fenômenos psicológicos fez-se presente desde quando ainda era colônia. Os locais que mais apareceram contribuições, foram as diferentes áreas do saber, em específico nas instituições como faculdades de medicina, hospícios, escolas e seminários

No Brasil, segundo Tuleski (2005) a psicologia recebeu influências de conhecimentos filosóficos provindos de diversos setores, dentre eles da: psiquiatria, neurologia e medicina social, sobre uma ótica experimentalista e positivista. Sendo assim, a Escola Nova e a concepção higienista foram primordiais para o surgimento do perfil do psicólogo na instituição escolar, por trabalhar as demandas emergentes das desigualdades sociais da época.

De acordo com Patto (1984) *apud* Guzzo, (2010, p.132), a história da Psicologia no Brasil,

divide-se em três grandes períodos: o primeiro, de 1906 a 1930, na 1ª República, marcado por estudos de laboratório num modelo europeu e sem a preocupação de intervir na realidade; o segundo, de 1930 a 1960, marcado pelo tecnicismo de origem norte-americana; e o terceiro, a partir de 1960, quando o trabalho do psicólogo passa a ter uma forma mais adaptacionista – a figura do psicólogo escolar era tida como a de solucionador de problemas, especialmente os de comportamento e aprendizagem. Outros autores também analisaram essa área e sua relação com a realidade política, econômica e social.

Carvalho (2008) considera que a psicologia evoluiu muito nos últimos anos, por estar voltando-se nas publicações científicas sobre a escolar e educar. A realidade atual nos mostra que possuem poucos profissionais de Psicologia inseridos nas escolas, sobrecarregando fortemente os Psicólogos atuantes nas problemáticas relacionadas com os alunos e também na preparação dos jovens para o seu futuro, no acompanhamento do fenômeno educativo e na participação em processos de decisão.

Pela Psicologia possuir uma instrumentalização vasta em sua prática, e em específico os testes psicológicos, muito se acreditava que essas testagens eram destinadas para a medição da capacidade dos alunos, separando os aptos dos não aptos para a aprendizagem, caracterizando um pensamento excludente, moderno e linear, ou seja, de causa e efeito. (ANDRADA, 2005).

Além disso, Tuleski (2005), complementa dizendo que além dos testes psicológicos, esperava-se que o Psicólogo fizesse um trabalho clínico na escola, buscando "corrigir" os alunos que não se enquadravam nas regras estabelecidas. Dessa forma, era evidente o desconhecimento dos professores e de toda a equipe técnica da escola em questão que culpavam o fracasso escolar na carência econômica e afetiva das crianças, desconsiderando que os principais responsáveis pelo fracasso escolar eram advindos da criança e sua família.

Lima (2005) argumenta que a Psicologia, assim como os professores, em uma época acreditava que as diferenças culturais, influenciavam diretamente nos problemas de aprendizagem. Para se chegar na configuração de hoje, a psicologia foi ocupando aos poucos o seu lugar, até se ter uma sala de atendimento dentro da escola que não ameaçasse na dinâmica dos alunos e muito menos da escola em si.

A então prática do profissional de psicologia educacional, impregnada do paradigma linear, segundo o qual o aluno é um portador de deficiências, portador de falhas, faltas, não adaptado, enfim, é dono de sua dificuldade, pouco pode fazer em relação ao mesmo a não ser retirá-lo da sala de aula e trabalhar nas suas deficiências fora do contexto de sala de aula. (ANDRADA, 2005, p.5).

Entendendo que a realidade da dificuldade escolar vinha crescendo fortemente, criou-se no séc. XX a “merenda escolar e os grupos de reforço de aprendizagem, os materiais produzidos para a estimulação precoce de crianças pré-escolares” Lima (2005). Dessa forma,

diz que aos poucos as escolas Estaduais e Municipais, foram de adaptando a esta nova metodologia que empregava o fim das dificuldades de escolarização das crianças e adolescentes do Brasil, nascendo na década de 80 a atuação do psicólogo escolar e toda a sua movimentação crítica.

Andrada (2005), em seu artigo, destaca a resolução nº 014/00 do CFP³, nas seguintes possibilidades de atuação do psicólogo educacional: a) aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser; b) analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais.

A EJA, O PSICÓLOGO NA ESCOLA E SUA ATUAÇÃO

Como podemos observar na “Proposta curricular para a educação de jovens e adultos” (Brasil, 2002), foi através das contribuições de Paulo Freire, na década de 60, que surge um novo paradigma teórico e pedagógico no desenvolvimento da EJA no Brasil. Freire, destacou sobre a importância da participação do povo na vida pública nacional, evidenciando a educação como um meio de conscientização.

Para se consolidar o programa da EJA, surgiram inúmeros programas do governo, dentre eles a Cruzada de ABC⁴, Mobral⁵, PEI⁶, CES⁷ e foi através da LDBEN⁸ n.º 9.394/96 que surge uma sessão dedicada à educação básica de jovens e adultos. Definindo a EJA como modalidade da Educação Básica e como direito do cidadão. A idade mínima para realização de exames supletivos passou para 15 anos, no Ensino Fundamental, e 18, no Ensino Médio, incluindo a educação de jovens e adultos no sistema de ensino regular. Após o estabelecimento da EJA, surgem três funções que abarcam este programa, sendo esses a “função reparadora”, “função equalizadora” e a “função qualificadora”.

³ Conselho Federal de Psicologia.

⁴ Ação Básica Cristã - entidade educacional dirigida por evangélicos, surgida no Recife, para ensinar analfabetos.

⁵ Movimento Brasileiro de Alfabetização.

⁶ Programa de Educação Integrada.

⁷ Centros de Ensino Supletivo.

⁸ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Essas funções citadas na proposta curricular (Brasil, 2002), condiz com o que Carvalho e Souza (2012, p. 236), diz sobre a atuação da atuação dos Psicólogos escolares, ao dizer que segundo a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), entende que os psicólogos escolares e educacionais

São profissionais que, em virtude de sua formação universitária em psicologia e práticas subsequentes nas áreas escolar e/ou educacional, trabalham visando melhorar o processo ensino-aprendizagem no seu aspecto global (cognitivo, emocional, social, motor), através de serviços oferecidos a indivíduos, grupos, famílias e organizações. Portanto, a Psicologia dentro da Escola encontra-se engajada ao processo pedagógico, funcionando como apoio da coordenação.

No artigo 3º da lei Nº 9.394⁹, assinada pelo ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, consta que a igualdade para aprender é a mesma que privilegia o respeito, a liberdade, a cultura, a arte, a tolerância e ao pluralismo de ideias de concepções pedagógicas. São nesses princípios que o Psicólogo, reconhecido como um profissional da saúde, estrutura a sua atuação. Um dos princípios fundamentais destacados no Código de Ética do Psicólogo é o de “promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP¹⁰, 2005).

Com isso, percebemos que, a inserção deste profissional no campo da educação formal (ANDRADA, 2005), além de possibilitar um diálogo entre os alunos do EJA com seus respectivos professores, proporcionará dentro da escola um espaço de escuta e fala desses alunos que trazem consigo, na grande maioria das vezes, históricos de baixa autoestima que de uma forma ou de outra, foram precursores para que os estudos em algum momento de suas vidas tenham sido colocadas como prioridades de segundo plano.

Souza (1998) destaca que assim como Psicologia Escolar, possui hoje o seu direito de cidadania na escola, a EJA, pouco a pouco também tem conquistado o seu espaço neste ambiente educacional. A Psicologia do desenvolvimento humano contribuiu e vem constantemente contribuindo de maneira forte, em relação a defasada imagem do adulto, visto como um “não ser”. Hoje o aluno da EJA, passou a ser visto de uma forma mais humanizada pelo professor que incidiu em sua atuação atributos de respeito e cidadania com o próximo.

⁹ 20 de Dezembro de 1996.

¹⁰ Conselho Federal de Psicologia.

Sendo assim, considerando toda a reformulação teórica da prática do Psicólogo e a conquista do seu espaço, Andrada (2005) aborda que o Psicólogo Escolar deve construir um espaço para a escuta das demandas institucionais além de pensar e repensar as diversas intervenções ao lidar com as demandas cotidianas escolares. Ressaltamos porém, o caráter coletivo desta proposta, descaracterizando a ação clínica e individualizada tão demandada por este espaço, que é o de “culpabilização do aluno” pelo insucesso escolar (MACHADO e PROENÇA, 2010). Fazendo emergir assim, um espaço de reflexão e escuta com todos os sujeitos que compõem este universo (alunos, professores e especialistas) objetivando um trabalho de relações humanas bem como a quebra de paradigmas, um dos fatores de engessamento das práticas pedagógicas.

Brasil (2002, p. 142) destaca:

[...] é preciso que os sistemas de ensino garantam aos professores espaços para a reflexão de sua prática num processo de formação continuada, para que possam, junto com outros colegas, tematizar sua prática, construir conhecimentos sobre seu fazer, aperfeiçoando-se constantemente.

ANDRADA (2005), também delinea argumentando em complementação que é uma das atribuições do psicólogo abrir um espaço de escuta e fala, e também de reflexão para os professores, objetivando o trabalho em equipe e o aprimoramento das estratégias pedagógicas para a o ensino da EJA. Ou seja, ao propiciar encontros semanais para reuniões com toda a equipe, em um período curto de tempo minimizará, assim, a desmotivação e a estigmatização presente no dia a dia de muitos professores e alunos.

Como todos têm influência sobre o aluno, todos sofrem influência reciprocamente, deixando assim, de tratar a *queixa escolar* como um fato em si mesmo, para encará-lo como uma questão interpessoal, interdisciplinar e multifatorial. (DAZZANI, 2009).

Por fim, é preciso compreendamos a complexidade do universo escolar e, e após conhecermos, busquemos nas ações coletivas as estratégias diferenciadas que possam atender a este aluno da EJA, de modo, exigente e singular. A promoção de um espaço educativo multi, inter e transdisciplinar é a possibilidade de minorar o que temos como demanda emergente e crescente, “a queixa escolar.”

CONCLUSÕES

Este artigo teve como proposta principal, refletir sobre a EJA mediada a prática do profissional da Psicologia Escolar. Observamos que os Parâmetros Curriculares Educacionais e a Legislação da EJA, delineiam propostas parecidas com as impostas no código de ética do Psicólogo. Desde a luta, ao reconhecimento. Ambas as áreas lutaram e lutam para conseguirem solidificar suas propostas e contribuições no campo educacional.

Sendo assim, concluímos que em relação a inserção do Psicólogo na escola, foi notório observar que além de propiciar um espaço de escuta e fala para o aluno e também para o professor, evita que futuramente venha surgir uma disseminação de preconceitos que possam contribuir para a exclusão social dos educandos do programa da EJA. O profissional que está habilitado a escutar e a fazer um trabalho de intervenção é o Psicólogo escolar, pois ele, ao ouvir as demandas emergentes da escola, auxilia diretamente os professores, instrumentalizando-os, de modo, a não fugir das propostas prescritas nos currículos, suas competências e atribuições a serem desenvolvidas no decurso do ano letivo.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. de. Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Santa Catarina, 18(2), p.196-199. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: EDUC, 2014.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos : segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série : introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002. p. 148: il. : v. 1

_____. BRASIL, Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

CARVALHO, R. G. G. A dimensão relacional da intervenção dos serviços de psicologia nas escolas. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 21, n. 1, p. 119-124, 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000100015>.

CÓDIGO de ética profissional do psicólogo. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 21 de Julho de 2005.

DAZZANI, M. V. M. A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 30, n. 2, jun. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 mar. 2015.

GUZZO, R. S. L. et al . Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 26, n. spe, p. 131-141, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500012>.

LIMA, A. O. M. N. Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 42 p. 17-23, jul./set. 2005. Disponível em: <[file:///C:/Users/Sharlys%20Jardim/Downloads/pa-173%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Sharlys%20Jardim/Downloads/pa-173%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MACHADO, A.M. e PROENÇA, M. **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogos, 2010

SALVADOR, C. C.; MESTRES, Mariana Miras; GOÑI, Javier Onrubia e GALLART, Isabel Solé. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Disponível em: <http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01323.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SOUZA, M. C. C. C. de. À sombra do fracasso escolar: a psicologia e as práticas pedagógicas. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 3, n. 5, 1998 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281998000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mar. 2015.

TULESKI, S. C. et al . Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói , v. 17, n. 1, p. 129-137, jun. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 19 jun. 2015.